

ANO NOVO / Com a missão de superar a crise decorrente da covid-19, eleições, Copa do Mundo e carnaval trazem expectativas para os brasilienses. Especialistas apontam cenários possíveis para 2022, como estabilização da pandemia

Mais desafios pela frente



» SAMARA SCHWINGEL
» ANA ISABEL MANSUR

segundo a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan).

Copa

Dal Rosso destaca a relação entre saúde, futebol e política. "A Copa do Mundo será o elemento ideológico do próximo ano. Suscitará as paixões e os espíritos e terá impacto eleitoral. Outro elemento que será relevante nas próximas eleições é a covid-19, com o atraso na compra de vacinas, que ceifou milhares de vidas. Esta conta será cobrada e não ficará impune; terá impacto social", analisa.

Antes da Copa do Mundo e das eleições, em ordem cronológica, o primeiro evento do calendário seria o carnaval. No fim de 2021, quando cancelou as comemorações de ano-novo devido à variante ômicron da covid-19, o governador Ibaneis Rocha (MDB) afirmou que a festa do rei momo também passaria por avaliação. O secretário de Cultura do DF, Bartolomeu Rodrigues, afirmou à reportagem que, até o momento, não há nada definido sobre a realização ou não das festas públicas este ano.

Pandemia

A preocupação das autoridades com a crise sanitária é legítima. De acordo com o infectologista e presidente da Sociedade de Infectologia do DF, José Davi Urbac, não se pode subestimar um vírus respiratório.

NÚMEROS DO FIM DO ANO NO DF

519.546

casos de covid-19

11.107

mortes por covid-19

82,63%

da população acima de 12 anos com o ciclo vacinal completo

69%

da população apta para votar*

*Dados até dezembro de 2021

"Por hora, não há nada que aponte que estamos livres da pandemia. Pelo contrário, com a ômicron, a previsão é de que teremos uma escalada dos casos em 2022, sem dúvidas", considera. O médico afirma que ainda é preciso cumprir as medidas de prevenção não farmacológicas e imunizar a população, inclusive com doses de reforço. "Com a vacinação, esperamos que essa onda da ômicron não seja tão grande quanto a primeira onda da covid-19. Com o reforço da imunização, esse efeito pode ser ainda menor", comenta.

O DF entra em 2022 com uma situação pandêmica considerada controlada. De acordo com o boletim epidemiológico da SES DF de quinta-feira, a capital registrou 200 novos casos e não contabilizou óbitos. A taxa de transmissão estava em 0,88. A cepa dominante da doença segue como a delta. A ômicron, última variante a aparecer, contabiliza 26 ocorrências. Mesmo com ares de cenário positivo, na avaliação de Breno Adaid, pesquisador do Centro Universitário Lesb e doutor em administração e pós-doutor pela Universidade de Brasília (UnB) em ciência do comportamento, é preciso estar atento aos primeiros meses do ano.

"A ômicron tende a dobrar o número de casos a cada dois ou três dias. É isso que aconteceu em todos os outros países e deve acontecer aqui também. Com isso, a previsão é que, na metade de janeiro, tenhamos uma alta de casos e, assim, uma alta procura pelos hospitais, mesmo que as pessoas

não fiquem internadas", diz. Porém, ele explica que, com o avanço da vacinação, a tendência é que, após o primeiro trimestre do ano, a situação melhore. "Tudo que sobe, desce. A partir de março, devemos ter uma ótima estabilização da pandemia. A expectativa é otimista", completa.

Eleições

O pleito de 2022 está marcado para 2 de outubro. Dos 146,5 milhões de brasilienses com o título eleitoral em dia com o Tribunal Superior Eleitoral, 1,43% — ou 2.108.301 — são residentes na capital federal. O valor é equivalente a 69% da população total do DF. A data limite para obter o título de eleitor é 4 de maio. Para a disputa ao Palácio do Buriti, há, até o momento, quatro pré-candidatos. São eles: Rosilene Corrêa (PT), Leandro Grass (Rede), Izalci Lucas (PSDB) e Rafael Parente (PSB), além do atual gestor, Ibaneis Rocha (MDB).

O cientista político e advogado Rafael Favetti afirma que, no Brasil, há uma tradição de reeleição. "Para estados e DF, três questões pesam na decisão do eleitorado: obras, saúde e segurança pública", avalia. Na capital federal, o especialista considera que ainda não há uma oposição concreta à atual gestão. "Os políticos têm até abril para escolherem os partidos que, por sua vez, têm até julho para lançar candidaturas. Porém, quanto mais demorem, menos alianças sólidas podem fazer", completa.